

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA COMPREENSÃO DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ/MA

Dijan Leal de Sousa

Doutorado em Letras: Ensino de Língua e Literatura (UFNT)
Professora Associada II da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Maria José de Pinho

Doutorado em Educação (PUC-SP)
Professora Titular da Universidade Federal do Tocantins (UFT)

RESUMO

Este artigo aborda os processos de alfabetização e de letramento no contexto escolar. Nosso principal objetivo é analisar a compreensão de professoras alfabetizadoras sobre as especificidades desses processos no ensino da leitura e da escrita. O percurso metodológico se orientou pela abordagem qualitativa, tendo como instrumento de geração de dados a observação não participante e a entrevista semiestruturada, realizada com quatro professoras da rede pública municipal de imperatriz/MA. Para o tratamento dos dados, utilizamos a análise de conteúdo como caminho para interpretação das informações geradas. Como resultado das análises, destacamos que as professoras compreendem conceitualmente a alfabetização e o letramento como processos distintos e não hierarquizados, assim como reconhecem uma relação direta entre práticas de letramento e a utilização de gêneros textuais diversificados no desenvolvimento de atividades de leitura e escrita. Entretanto, apenas uma das professoras observadas realiza os processos simultaneamente em suas aulas, pois, na prática das demais professoras, o processo de alfabetização prevalece como mais relevante, sendo considerado um pré-requisito para o desenvolvimento do letramento escolar, uma vez que consideram que é preciso primeiro dominar a técnica de leitura e de escrita para somente depois utilizá-la em situações práticas.

Palavras chave: Alfabetização, Letramento, Professoras alfabetizadoras.

INTRODUÇÃO

O aprendizado da leitura e da escrita, processo denominado de alfabetização, é considerado, geralmente, o primeiro objetivo a ser alcançado por todos que frequentam o espaço escolar. Nessa perspectiva, a alfabetização é o processo que possibilita a apreensão do sistema linguístico das sociedades grafocêntricas, em que há o predomínio da linguagem escrita. Nessas sociedades a escrita, além de um instrumento que torna possível o

sequenciamento e o desenvolvimento dos conteúdos curriculares escolares, possibilita uma participação efetiva nas práticas sociais escritas.

O processo de alfabetização foi, ao longo da história da escolarização, desenvolvido predominantemente por meio do método de marcha sintética, organizado segundo o princípio que fundamenta o pensamento cartesiano, em que um objeto de conhecimento deve ser dividido em partes menores para que seja facilitada a sua apreensão. Seguindo essa lógica, os objetos que integram o sistema linguístico foram fragmentados, sendo oferecidos aos alunos a partir de sua menor unidade, na seguinte sequência: letras; sílabas; palavras; frases; e, por fim, pequenos textos, estes últimos quase sempre com pouco, ou nenhum, significado para os estudantes. Desse modo, a aprendizagem do sistema linguístico acontece de maneira isolada de seu contexto de práticas discursivas reais.

Em um contexto social que requer, cada vez mais, conhecimentos linguísticos sofisticados, uma nova habilidade passou a ser requerida, que se caracteriza pelo uso social da leitura e da escrita: o letramento. No ambiente escolar, o letramento, associado ao processo de alfabetização, torna possível contextualizar e religar os objetos linguísticos, enriquecendo a aprendizagem da leitura e da escrita de significado e sentido, e deve ocorrer simultaneamente ao processo de aprendizagem do código escrito.

Considerando a relevância de contextualizar o conhecimento, sentimos a necessidade de pesquisar o processo de alfabetização e letramento, uma vez que essa abordagem busca religar e contextualizar o conhecimento, integrando-o às reais necessidades dos indivíduos. Seguindo essa percepção, temos como objetivo nesse artigo analisar a compreensão teórica e metodológica de professoras alfabetizadoras sobre as especificidades do processo de alfabetização e de letramento. Nessa perspectiva, compreendemos que o modo como esses processos são compreendidos constitui-se o ponto de partida para discussões e reflexões que possam contribuir para o processo de alfabetização escolar.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O termo alfabetização tem sua raiz etimológica na palavra alfabeto¹, definido como o conjunto de signos gráficos que representam as letras. As letras e seus respectivos fonemas são utilizados na representação das palavras que constituem um sistema linguístico. No contexto do Brasil, o termo alfabetização passou a ser utilizado, segundo Mortatti (1994;

¹ Alfabeto tem origem na palavra grega *alphabetos*, constituída pelas duas primeiras letras do alfabeto grego: alfa e beta, que correspondem em nosso alfabeto às letras A e B (CUNHA, 2010).

2004), a partir do início do século XX para designar o processo de ensino das letras do alfabeto e, por consequência, o ensino das habilidades de leitura e de escrita.

Soares (2016, p. 46) apresenta seu conceito para alfabetização, e assim o descreve: “aprender a escrita alfabética é, fundamentalmente, um processo de converter sons da fala em letras ou combinação de letras – escrita –, ou converter letras, ou combinação de letras, em sons da fala – leitura”. Desse modo para que o indivíduo efetive esses processos, de codificar e decodificar, é imprescindível o desenvolvimento da consciência fonológica.

Na perspectiva do conceito apresentado por Soares (2016), a alfabetização abrange a aquisição dos caracteres alfabéticos e de seus respectivos sons, que constituem pré-requisito para a aprendizagem da leitura e da escrita. Sob essa ótica, denominada linguística, o processo de alfabetização é concebido a partir da especificidade do aprendizado da leitura e da escrita, configurando-se como um processo que tem início e fim.

Alfabetizar, na perspectiva da faceta linguística, significa ensinar a ler e escrever, e o indivíduo é considerado alfabetizado quando desenvolve essas habilidades. Entretanto, Kleiman (2008) aponta que, no Brasil e no mundo, a partir de meados da década de 1970, começaram a surgir os primeiros questionamentos e discussões sobre a importância de não somente ensinar a ler e a escrever, mas também de possibilitar aos alunos a escrita de seus próprios textos, ou seja, o desenvolvimento da habilidade de práticas discursivas.

Nesse período, pesquisadores de países como França, Inglaterra, Estados Unidos, Portugal e Brasil iniciaram o desenvolvimento de estudos e pesquisas partindo do pressuposto de que a aprendizagem inicial do sistema de escrita, a alfabetização, é um processo imprescindível e extremamente relevante, mas não suficiente para o desenvolvimento de habilidades mais complexas demandadas pelo uso da língua em situações cotidianas, sendo constatado que, embora alfabetizados, a maioria dos alunos dotados das habilidades de leitura e escrita apresentava dificuldades em relação ao uso real dessas habilidades. Na percepção de Kleiman (2008, p. 490), esses “alunos não possuíam competência linguístico-enunciativo-discursiva”. Esse fato revelou as limitações do processo de alfabetização pautado exclusivamente na faceta linguística.

Nesse contexto, Soares (2014) relata que a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e escrita mais avançadas e complexas do que as práticas de ler e escrever, resultantes do processo de alfabetização, surgiu no mesmo momento histórico em diferentes partes do mundo. Essa necessidade fez chegar ao Brasil um novo termo: o letramento. Assim, a necessidade de se começar a falar em letramento surge da tomada de consciência, principalmente entre os linguistas, de que havia alguma coisa além da

alfabetização que seria mais ampla e até determinada por ela (Tfouni; Monte-Serrat; Martha, 2013).

Nas sociedades ditas letradas, nas quais já é frequente o uso dos termos letrado e iletrado, o letramento surge para nomear um novo fenômeno, ou demanda do uso do sistema linguístico, uma vez que somente a aquisição da habilidade técnica de ler e escrever não seria mais suficiente para atender às exigências sociais.

Um novo fenômeno se evidencia: não basta apenas aprender a ler e escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita [...]. Esse novo fenômeno só ganha visibilidade depois que é minimamente resolvido o problema do analfabetismo e que **o desenvolvimento social, cultural, econômico e político traz novas, intensas e variadas práticas de leitura e escrita**, fazendo emergirem novas necessidades, além de novas alternativas de lazer. Aflorando o novo fenômeno foi preciso dar um nome a ele: quando uma nova palavra surge na língua, é que o novo fenômeno surgiu e teve de ser nomeado. (Soares, 2014, p. 45-46, grifo nosso)

Soares (2014) chama atenção para a demanda social por novas habilidades relacionadas à leitura e à escrita como um dos elementos propulsores da necessidade do desenvolvimento de práticas de leitura mais sofisticadas. Essa demanda fez com que as limitações da faceta linguística da alfabetização fossem reveladas, possibilitando o desenvolvimento de uma nova dimensão para as pesquisas e reflexões em torno das habilidades de ler e escrever: a dimensão social da aprendizagem do sistema linguístico.

Concebemos assim que uma prática de letramento emerge de uma real necessidade de uso da leitura e da escrita por parte dos indivíduos de uma determinada sociedade, necessidades essas que são específicas de cada realidade. Levando em conta que as realidades sociais não são homogêneas, o letramento também não pode ser considerado um processo homogêneo, capaz de atender a todos da mesma forma. Nesse sentido, para Street (2014) o letramento é um processo dinâmico que pode se modificar de acordo com as necessidades sociais e do momento histórico.

No início das discussões sobre letramento nos países europeus e nos Estados Unidos, embora ainda existisse analfabetismo, os índices apresentados já eram bem inferiores aos encontrados no Brasil, de modo que a preocupação dos sistemas de ensino dos países de primeiro mundo já estava voltada para o desenvolvimento do uso social dessas habilidades. Para Soares (2020) esse contexto pode ter favorecido a visibilidade e melhor compreensão do processo de letramento em relação ao processo de alfabetização em alguns países da Europa e nos Estados Unidos.

No contexto de duplo desafio, alfabetizar e letrar, a chegada ao Brasil do conceito de letramento ocorreu em um contexto em que, por vezes, é confundido com o conceito de alfabetização, provocando dúvidas e equívocos frequentes entre os dois processos, principalmente por parte de professoras alfabetizadoras. Nessa perspectiva, Angela Kleiman tem direcionado seus estudos e pesquisas sobre letramento para o trabalho docente, no sentido de contribuir para que os discursos e reflexões sobre esse processo alcancem a formação dos professores no ensino da língua.

Outro ponto, segundo Soares (2020), que contribuiu para os crescentes equívocos em relação aos conceitos de letramento e alfabetização, foram as discussões sobre qual dos processos seria então mais relevante e qual deveria prevalecer. Tratando-se de concepções metodológicas no processo educacional, o que é novo costuma ser relacionado ao progresso e o que é antigo, considerado ultrapassado, ou mesmo tradicional, e quase sempre a chegada do novo implica descartar o antigo. Essa situação de escolha entre o novo e o antigo passou a ser vislumbrada em relação ao processo de letramento em detrimento do processo alfabetização.

Em nossa compreensão, essa não é uma situação de escolha entre um processo em detrimento do outro, ou de sua hierarquização, pois os processos não se excluem, ao contrário, se complementam e devem acontecer de forma simultânea desde o início da aprendizagem da leitura e da escrita, uma vez que, enquanto o processo de alfabetização possibilita o desenvolvimento de uma habilidade técnica, o letramento oportuniza a utilização dessa habilidade em uma dimensão mais humanista, alcançando os aspectos social, cultural, político dos indivíduos.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA COMPREENSÃO DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

Lócus e participantes da pesquisa

Os dados gerados são frutos de uma pesquisa de campo desenvolvida em duas escolas da rede pública municipal de ensino de Imperatriz/MA. Ressaltamos que a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Tocantins e aprovada, conforme CAAE 18487419.8.0000.5519 e Parecer Nº 3.670.176. O período de geração de dados ocorreu de julho de 2019 até março de 2020.

Reconhecendo a relevância da interação mútua entre sujeito e contexto, optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa, pois essa é uma abordagem que objetiva, por meio de percepções, explicar os fenômenos sociais de dentro deles mesmos. Essa abordagem de

pesquisa busca acessar informações em seu contexto natural, dando espaço às suas particularidades, partindo assim da ideia de que teoria, métodos e instrumentos devem ser adequados àquilo que se estuda (Flick, 2009).

Os instrumentos de geração de dados utilizados foram a observação não participante e a entrevista estruturada. A observação foi realizada na sala de quatro professoras, sendo duas salas de 1º ano e duas salas de 2º ano do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Imperatriz/MA. O período de observação foi de sete meses, compreendido entre agosto de 2019 a março de 2020. Nessa primeira etapa foi possível observar a percepção das professoras sobre alfabetização e letramento a partir das práticas pedagógicas desenvolvidas no ensino da leitura e da escrita.

Ao final da fase de observação, realizamos a entrevista semiestruturada. A entrevista nos possibilitou conhecer as percepções que integram a compreensão teórica das professoras em relação aos princípios teóricos que fundamentam o processo de alfabetização a partir de uma concepção de letramento. As professoras foram identificadas ao longo da pesquisa por codinomes, de modo a garantir o seu anonimato, sendo representadas pelas letras do alfabeto grego: Alfa, Beta, Delta e Gama, conforme segue perfil no quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Perfil das professoras

Nome/sala	Idade	Formação	Tempo de docência	Tempo de docência na alfabetização	Nº de turnos em que trabalha	Nº de aulas observadas
Alfa – 2º ano	38	Pedagogia	18	03	01	14
Beta - 1º ano	47	Pedagogia	26	18	02	16
Delta - 1º ano	49	Pedagogia	21	18	01	16
Gama - 2º ano	45	Pedagogia	20	08	01	13

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Como mostram os dados do Quadro 1, as participantes da pesquisa possuem em média 20 anos de atuação na docência. Além disso, duas delas contam com 18 anos na sala de aula da alfabetização. Portanto, esse perfil das docentes é importante para o nosso estudo considerando o tema analisado.

Partimos da perspectiva de que toda prática deve refletir um conhecimento teórico que a direciona e que somente através da compreensão de fundamentos teóricos que orientam uma concepção de aprendizagem é possível realizar boas e coerentes situações didáticas de ensino. Com essa perspectiva, iniciamos a entrevista solicitando às professoras que apresentassem o seu entendimento sobre os processos de alfabetização e de letramento. Os resultados estão apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 - Compreensão sobre alfabetização e letramento

Professoras	Respostas
Alfa	Alfabetização é quando o aluno desenvolve a capacidade de ler e escrever. Letramento para mim é quando o aluno consegue compreender o que leu. Às vezes, o aluno lê, mas não compreende, então ele só está alfabetizado. O letramento ajuda as pessoas a interpretar melhor o mundo. Eu acredito que sempre vamos aprender novos letramentos, pois a cada dia nós temos uma nova interpretação de nossa realidade.
Beta	Alfabetização é o desenvolvimento e apropriação de habilidades técnicas da leitura e do sistema de escrita. Letramento é a capacidade de utilizar as competências da leitura e da escrita nas práticas sociais.
Delta	Alfabetização é a capacidade de aprimorar práticas de linguagem, a partir da leitura e da escrita, fazendo com que o aluno possa ser inserido em um contexto maior como o da gramática. Letramento é um processo mais elevado de desenvolvimento da leitura e da escrita. É um processo que ajuda o aluno a ter interesse e compreender melhor o mundo das letras.
Gama	Alfabetização é um processo que se inicia com o conhecimento das letras e seus sons e conclui quando a criança consegue ler e escrever. Isso acontece quando a criança já consegue ler um pequeno texto e também quando a gente dita algumas palavras e ela consegue escrever, mesmo que escreva com alguns erros ortográficos, porque essa questão da ortografia é com o tempo que se vai aprimorando. Sobre letramento, eu não consigo elaborar um conceito. Sou meio fraca nessa parte.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

As respostas apresentadas pelas professoras Alfa, Beta e Delta revelam uma compreensão da existência de distinção conceitual entre os dois processos. A percepção dessas professoras sobre o letramento é que ele é um processo mais amplo, que possibilita ir além da alfabetização. Algo que chama atenção é que, para as professoras Alfa e Delta, somente alfabetizar não possibilita compreender melhor o mundo, o que somente será possível por meio do letramento. Nesse sentido, na percepção dessas professoras, alfabetização é um processo necessário, que pode ajudar a compreender a escrita e a leitura das palavras, porém limitado em relação a interpretar e compreender melhor o mundo.

A professora Gama, embora tenha conseguido apresentar um conceito para alfabetização, demonstrou desconhecimento teórico para elaborar uma definição do processo letramento. Entretanto, durante o período de observação, visualizamos na sala dessa professora cartazes com parlendas, um quadro de aniversariantes do bimestre, um calendário e um cantinho de leitura, que são considerados recursos metodológicos que possibilitam situações de uso real da leitura e da escrita pelos alunos, ou seja, letramento. Contudo, ainda que utilize esses recursos com potencial para possibilitar o desenvolvimento de eventos de letramento, a professora Gama não conseguiu associá-los na elaboração de um conceito de letramento, revelando que em sua prática pedagógica cotidiana compreende a relevância do

trabalho com textos reais, mas conhece apenas superficialmente o fundamento teórico que orienta essa prática.

Embora o conceito apresentado pelas professoras Alfa e Delta evidencie que elas reconhecem o letramento, e não somente a alfabetização, como capaz de possibilitar aos alunos uma melhor compreensão do mundo, em nossas observações nas escolas-campo, constatamos que essas professoras ainda dedicam a maior parte do período de suas aulas a atividades pautadas exclusivamente nos processos de decodificação e codificação. No caso da professora Alfa (2º ano), essas atividades são desenvolvidas principalmente com o ensino de regras ortográficas (por exemplo, separação de sílabas, uso de “m” antes de “p” e “b”), demonstrando a supremacia do processo de alfabetização no ensino.

O conceito de alfabetização apresentado pelas professoras entrevistadas reflete uma compreensão desse processo a partir de sua faceta linguística, que aborda a alfabetização levando em conta sua especificidade. Nesse sentido, para aprender a ler e a escrever, é necessário adquirir a capacidade de converter os sons da fala em código, escrita, e o código escrito, por meio da fala, em leitura (Soares, 2020).

Em relação ao conceito de letramento, a participante Beta foi a única a utilizar o termo práticas sociais. Embora não tenha citado quais seriam tais práticas, ela utilizou o princípio básico que sustenta o conceito de letramento, uma vez que o aspecto da prática social corrobora a concepção apresentada nos conceitos de letramento de Soares (2014) e Kleiman (1995).

Ao serem questionadas sobre a existência de uma supremacia hierárquica entre os processos de alfabetização e letramento, as participantes manifestaram as seguintes respostas, assinaladas no Quadro 3:

Quadro 3 - Existência de supremacia hierárquica entre alfabetização e letramento

Professoras	Respostas
Alfa	Eu acho que não tem um processo mais importante. Eles são igualmente importantes para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Também acho que podem ocorrer ao mesmo tempo.
Beta	Alfabetização e letramento, apesar de terem conceitos distintos, são indissociáveis, pois os dois são importantes e necessários para o aluno desenvolver a habilidade de leitura e escrita e saber utilizá-las nas práticas sociais.
Delta	Ambos têm sua importância. Os dois processos estão interligados e se complementam. Quando alfabetizamos, damos orientações sobre leitura e também sobre escrita. O letrar vem como desenvolvimento dessa leitura e escrita com mais intensidade, ampliando o mundo em sua volta.
Gama	Eu acho que o letramento é um complemento da alfabetização. Mas não acho que um é mais importante que o outro. Os dois processos são igualmente importantes.

Fonte: Dados da pesquisa.

As professoras Alfa, Beta, Delta e Gama concordam que, embora tenham conceitos distintos, alfabetização e letramento são processos interdependentes, não havendo uma relação de superioridade entre eles, o que fica evidenciado pelos termos utilizados, respectivamente, em suas respostas: simultaneamente; indissociáveis; interligados; e complemento. A professora Gama, que anteriormente revelou desconhecer o conceito de letramento, inferiu que deve ser um processo que complementa a alfabetização, mas que os dois são igualmente relevantes. Esse aspecto nos revela que, embora a professora não tenha conseguido elaborar um conceito de letramento, possui algum conhecimento sobre esse processo.

Para Kleiman (2005, p.11), o “letramento não é alfabetização, mas a inclui! Em outras palavras, letramento e alfabetização estão associados”. Entendemos, com base na definição da autora, que os dois conceitos se complementam e são necessários para a formação de indivíduos leitores e escritores. Esses fundamentos de interdependência e complementaridade dos processos, denominado por Soares (2020) de alfalettar, é contemplado na compreensão apresentada pelas professoras.

As respostas apresentadas durante a entrevista mostram que elas reconhecem que alfabetização e letramento devem ocorrer simultaneamente. Contudo, durante o período de observação, percebemos que as professoras Alfa, Delta e Gama priorizaram os processos de alfabetização de forma individualizada, tendo como foco principal as atividades de desenvolvimento das habilidades de decodificação e codificação.

Na concepção das professoras citadas no parágrafo anterior, para se alcançar o desenvolvimento da leitura e da escrita, é necessário partir do conhecimento que se considera o mais simples em relação ao sistema linguístico: letras, sílabas, palavras e frases, para somente então se chegar ao mais complexo, o texto. Segundo essa visão, a parte, letra/sílaba/palavra, é vista independente do todo, ou do contexto, no qual realmente produz um significado.

De modo distinto, a professora Beta (1º ano) desenvolveu uma rotina diária de atividades que possibilitou situações de aprendizagem em que os processos de alfabetização e letramento acontecessem de modo simultâneo, ainda que tenha se pautado exclusivamente no modelo autônomo de letramento. Nesse sentido, das atividades observadas durante a pesquisa de campo, podemos destacar como exemplo o momento em que essa professora trabalhou a parlenda “Cadê o toucinho que estava aqui? ”. A parlenda era conhecida dos alunos, que sabiam o texto de cor, o que favorece esse tipo de atividade, pois, mesmo não dominando a leitura e a escrita convencionalmente, os alunos puderam identificar letras e palavras com base na grafia apresentada no texto da parlenda.

Desse modo, a professora Beta conseguiu realizar uma atividade com seus alunos em que a parte (palavra) e o todo (texto) são vistos de forma simultânea, o que, em nossa concepção, contribui para uma aprendizagem contextualizada do sistema linguístico. A professora Beta também foi a única, durante o período observado, que realizou diariamente uma leitura para os alunos no início da aula, apresentando uma variedade de gêneros textuais, aspecto diretamente relacionado com o processo de letramento. A realização de leitura, como a feita diariamente pela professora Beta, foi presenciada durante o período de observação poucas vezes nas aulas das professoras Delta (1º ano) e Gama (2º ano) e nenhuma vez durante as aulas da professora Alfa (2º ano).

Em relação à ausência de um momento de leitura nas aulas da professora Alfa (2º ano), infelizmente, esse é um aspecto bastante comum em nossas escolas. À medida que se avança nos anos do Ensino Fundamental, a frequência de leitura feita pelas professoras vai diminuindo até o ponto de desaparecer totalmente da rotina diária. Para Kleiman (1995; 2007) o professor, como agente de letramento, deve mediar a apropriação dos gêneros pelos alunos, aproximando-os das práticas discursivas letradas, mesmo quando ainda não sabem ler. Desse modo compreendemos que a leitura diária, realizada pelo professor, oportuniza aos alunos conhecerem a variedade de gêneros do discurso, possibilitando que se apropriem da função e dos sentidos da leitura e da escrita nas práticas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir um conceito de alfabetização e de letramento, embora sejam ações do cotidiano das professoras, exige uma compreensão teórica decorrente de leitura e estudo para a construção de um enunciado. Desse modo, uma mudança de prática de alfabetização não é um processo simples e rápido, pois requer aprofundamento teórico para que seja realmente efetivada. Acrescentamos a essa questão o fato de que os documentos e diretrizes oficiais, que direcionam a prática dos professores, algumas vezes, trazem em seu escopo uma proposta que pode não convergir para o desenvolvimento de uma prática de alfabetização simultânea à de letramento, podendo, inclusive, em muitos momentos, causar equívocos nessa compreensão.

A partir desse contexto, análise dos dados evidenciou que o conhecimento das professoras sobre alfabetização, ainda se encontra muito arraigado em uma prática que prioriza o ensino da leitura e da escrita de modo descontextualizado. Por mais que as professoras reconheçam que é relevante aprender a ler e a escrever, em um contexto social real, foi possível observar que as alfabetizadoras pouco se utilizam de práticas discursivas

reais para o desenvolvimento de atividades com os alunos, fato que distancia a aprendizagem da linguagem de sua função social. Desse modo, o letramento, ainda é uma prática pouco desenvolvida, sendo o processo de alfabetização, sob a faceta linguística, fundamentado nos processos de decodificação e codificação, a prática mais desenvolvida pelas professoras.

Embora a compreensão das professoras esteja impregnada de prática relacionadas à alfabetização em uma concepção de letramento, essas práticas são, geralmente, espontâneas e não intencionais, e em nossa compreensão carecem de uma sustentação teórica que justifique uma ação fundamentada em um referencial. Assim uma melhor compreensão teórica dos conceitos pode, em nossa opinião, contribuir para o desenvolvimento de uma prática mais consciente por parte das alfabetizadoras, como consequência, mais significativas e contextualizadas.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KLEIMAN, Angela Bustos. (Org.). **Os significados do letramento**. Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. 2. ed. Campinas/SP: Mercado das letras, 1995. Coleção Letramento, Educação e Sociedade.

KLEIMAN, Angela Bustos. **Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna**. In: Linguagem em (Dis) curso – LemD, v. 8, n. 3, p. 487-517, set/dez. 2008.

KLEIMAN, Angela Bustos. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever. Brasília: MEC-SEF, 2005.

KLEIMAN, Angela Bustos. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. In: **Signo**. Santa Cruz do Sul, v.32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004. (Coleção Paradidáticos: Série Educação).

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo 1876 – 1994. São Paulo: UNESP. 2000.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SOUSA, Dijan Leal de. **Alfabetização e letramento**: uma análise a partir da prática docente de professoras alfabetizadoras da rede pública municipal de Imperatriz - MA, sob o prisma da transdisciplinaridade. 2022. 225 f. Tese (Doutorado em Letras: Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2022.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2014.

TFOUNI, L. V.; MONTE-SERRAT, D. M.; A abordagem histórica do letramento: ecos da memória na atualidade. **Scripta**, v. 17, n. 32, p. 23-48, 11 jul. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2013v17n32p23>>. Acesso em: 6 set. 2020.

